



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
CAMPUS DE BAURU

STÉFANIE BELLOMI QUEIROZ

O QUE OS OUTROS NÃO VEEM

BAURU

2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
CAMPUS DE BAURU

STÉFANIE BELLOMI QUEIROZ

O QUE OS OUTROS NÃO VEEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais Bacharelado, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação e Design UNESP/Campus Bauru, como requisito parcial para conclusão da graduação, sob orientação da Prof^a Dr^a Tarcila Lima da Costa.

BAURU

2021

STÉFANIE BELLOMI QUEIROZ

O QUE OS OUTROS NÃO VEEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais Bacharelado, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação e Design UNESP/Campus Bauru, como requisito parcial para conclusão da graduação, sob orientação da Prof^a Dr^a Tarcila Lima da Costa.

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Tarcila Lima da Costa (Orientadora)
Faculdade de Arquitetura, Artes Comunicação e Design

Profa. Dra. Regilene Ap. Sarzi Ribeiro
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

Profa. Dra. Rosa Maria Araújo Simão
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

Bauru, de 2021.

Q3

Queiroz, Stéfanie Bellomi
O QUE OS OUTROS NÃO VEEM / Stéfanie
BellomiQueiroz. -- Bauru, 2021
65 p. : tabs., fotos

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado -
Artes Visuais) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes,
Comunicação e Design, Bauru
Orientadora: Tarcila Lima da Costa

1. Arte Relacional. 2. Fotografia. 3.
Maquiagem Artística. 4. Adereços. 5.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos
pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, à minha mãe por servir de inspiração e me ensinar que nunca é tarde para começar a estudar algo novo, ao meu pai e irmã pelo amor incondicional, incentivo e apoio imensurável, sem eles não estaria aqui. Agradeço, pois, sempre tiveram muita compreensão, e sempre me incentivaram durante o meu percurso acadêmico. Também aos amigos de Ribeirão Preto, minha terra natal, que mesmo longe sempre me apoiaram, desde a época do vestibular e também aos amigos da faculdade, que tive o prazer de conhecer em Bauru, espero que continuem presentes. A passagem pela cidade “lanche” foi mais bonita e divertida devido a vocês. Agradeço também ao Lucas, por nunca me deixar desistir de produzir arte. A Letícia por me proporcionar todo o apoio psicológico. E aos meus dois grandes amigos, “L” e “A”, por serem meus convidados nessa pesquisa, sem vocês eu não conseguiria, o meu muito obrigada!

Deixo um agradecimento especial a todo corpo docente do Departamento de Artes e Representação Gráfica, e a minha orientadora Tarcila Lima da Costa, por sempre me aconselhar e indicar o rumo correto que o trabalho deveria tomar e por todo carinho, amor, dedicação e uma escuta muito afetuosa. Também agradeço as Professoras Rosa Simões e Regilene Sarzi, por aceitaram fazer parte da minha banca, é um privilégio ter professoras que tanto admirei durante minha graduação, nessa fase final de minha jornada. A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização da minha pesquisa, agradeço por cada momento, que foram propícios para meu o desenvolvimento. Lembrarei de todos com muita saudade e afeto, pois junto a entrega deste trabalho também me despeço da cidade que me acolheu por 5 anos.

“O mediador entre a cabeça e as mãos,
deve ser o coração!”

(Metrópolis, 1927, por Fritz Lang)

RESUMO

O trabalho apresenta a confecção de maquiagens artísticas, adereços e fotografias a partir da questão: “O que você é que os outros não veem, mas gostaria que fosse visto?”. Desta maneira, por meio dos conceitos da Arte Relacional e a Teoria “corpomídia”, foi realizada a criação de duas séries fotográficas que exprimem um mergulho na realidade do “outro”. Assim, a intenção foi expressar a temática através dos autorretratos e explorar a relação entre maquiagem artística e produção de adereços para a composição das fotografias, consistindo em um veio de expressão contemporâneo e poético, que pôde gerar indagações e reflexões sobre resiliência, identidade, empatia, e distintas interpretações da realidade por meio das narrativas criadas.

Palavras-chave: arte relacional; fotografia; maquiagem artística; adereços.

ABSTRACT

The work presents a confection of artistic make-up, props and photographs based on the question: "What are you that others don't see, but would you like to be seen?". In this way, through the concepts of Relational Art and the "bodymedia" Theory, two photographic series were created that express a dive into the reality of the "other". Thus, the intention was to express the theme through self-portraits and explore the relationship between artistic makeup and the production of props for the composition of photographs, consisting of a contemporary and poetic vein of expression, which could generate questions and reflections on resilience, identity, empathy, and different interpretations of reality through known narratives.

Keywords: relational art; photography; artistic makeup; props.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Yves Klein, Anthropometry of the Blue period, 1960.....	17
Figura 2 - Karloff no set do Frankenstein (1931), com Pierce (à esquerda) aplicando maquiagem no rosto do Monstro	20
Figura 3 - Performance: “Merci Beaucoup, Blanco!”, Concepção e Performance: Musa Mattiuzzi, Dimensões variáveis.....	21
Figura 4 - Imagem capturada do vídeo “Não Recomendados O Tempo Não Para / Não Recomendado”.....	27
Figura 5 - Sem Esperança	29
Figura 6 - A coluna partida	30
Figura 7 - Olho ídolo	32
Figura 8 - Moodboard. Maquiagem e adereços idealizados para “L”	33
Figura 9 - Paleta de cores escolhida para os adereços e maquiagem, idealizada para “L”	34
Figura 10 - Frames retirados do filme Maria Antonieta de 2006, dirigido por Sofia Coppola	35
Figura 11 - Registro do processo de construção dos adereços Idealizados para “L”	36
Figura 12 - Processo de construção dos adereços Idealizadas por “L”	37
Figura 13 - Johannes J. Jaruraak.....	38
Figura 14 - Processo de criação da maquiagem Idealizadas para “L”	39
Figura 15 - MoodBoard. Maquiagem e adereços idealizados para “A”.....	40
Figura 16 - Paleta de cores escolhida para os adereços e maquiagem, idealizada para “A”	40
Figura 17 - Capa e Photoshoot do álbum de estúdio “Born This Way”, por Lady Gaga.	42
Figura 18 - London Fashion Week, 2011, desfile realizado pelo estilista Meadham	43
Figura 19 - Courtney Love em turnê	44
Figura 20 - Confecção de adereços idealizados para “A”	45
Figura 21 - Confecção de adereços idealizados para “A”	46

Figura 22 - Confeção de maquiagens idealizadas para “A”	47
Figura 23 - Eyelids I.....	48
Figura 24 - Eyelids II.....	49
Figura 25 - Eyelids III.....	49
Figura 26 - Eyelids IV.....	50
Figura 27 - Eyelids V	50
Figura 28 - Metallic Taste I	51
Figura 29 - Metallic Taste II	52
Figura 30 - Metallic Taste III	52
Figura 31 - Metallic Taste IV.....	53
Figura 32 - Metallic Taste V.....	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. PARTE I	18
1.2 Referências teóricas, Estética Relacional e Teoria “corpomídia”	22
1.3 Processo de elaboração do tema e proposta pré-pandemia e soluções para continuidade do projeto	29
2. PARTE II	32
2.1 Entrevistas.....	32
2.2. Referências estéticas, baseadas nas entrevistas, voltadas para a confecção dos adereços e criação da maquiagem (<i>moodboards</i> e resultados).	37
2.3. Apresentação das fotografias e análise	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa-criação que se debruça sobre o processo de desenvolvimento de adereços e maquiagens, tendo como finalidade a realização de uma sessão fotográfica. Os ensaios fotográficos foram baseados na pergunta desenvolvida: **“O que você é que os outros não veem, mas gostaria que fosse visto?”**.

A teoria que fundamentou o ponto de partida deste projeto foi o livro “Estética Relacional” (2009) de Nicolas Bourriaud, teórico francês, crítico de arte e professor na Escola de Arte de Paris. A linha desenvolvida por ele durante os anos ganha evidência na busca contemporânea por uma reavaliação da nossa relação com o ambiente e com os outros. Segundo o autor:

A arte sempre foi relacional em diferentes graus, ou seja, fator de socialidade e fundadora de diálogo. Um dos poderes da imagem é o sentimento de ligação, que geram vínculo (BOURRIAUD, 2009 p. 21).

Os significados das obras de arte deixam a esfera da elite e da periferia para assumir as interpretações que cada um formula ao vê-las, senti-las ou ouvi-las. Não se tratando mais de tela e tinta a óleo, bronze ou mármore, a matéria-prima, agora, passa a ser a palavra, o som e a cor, que, vez ou outra, incorporam-se sob a forma de um lambe-lambe, uma parede iluminada, uma performance corporal. O artista passa a ser um cidadão que interfere na realidade à sua volta e, ao mesmo tempo, um trabalhador do cotidiano. Para Bourriaud, todo artista relacional tem um ponto em comum: a esfera das relações humanas. Nelas, as obras não têm estilos em comum, nem tema ou iconografia, mas são os modelos de intercâmbio social que os une. A arte relacional não revive nenhum movimento e não é o retorno de nenhum estilo, ela nasce da observação do presente.

A pergunta do tema em questão foi feita em forma de entrevistas, realizadas de maneira remota e transcritas para a atual pesquisa. Duas pessoas foram entrevistadas. Por conta da pandemia decorrente da Covid-19, reduzimos o número de entrevistados e alteramos a execução das maquiagens, as quais seriam realizadas nos entrevistados em questão. Devido às restrições de contato, as maquiagens, adereços e fotografias foram realizadas em forma de autorretratos.

Os entrevistados são pessoas de meu convívio na universidade, meus amigos, que fiz durante a graduação. Após a entrevista, me baseei nas respostas coletadas, e diante da minha interpretação foi feita a confecção dos adereços e das maquiagens, pensadas exclusivamente para cada convidado. Os adereços foram feitos em *assemblage* e constituem diversos tipos de materiais, já as maquiagens foram pensadas primeiramente em um croqui e posteriormente aplicadas na face. As fotos são digitais e após o ensaio foi feita a edição das mesmas, e quando necessário, foi realizada a manipulação digital.

A preparação e a produção dos ensaios fotográficos, após o aprofundamento conceitual, teórico e estético, foram planejados com muito cuidado, atentando-se sempre para todas as etapas e detalhes, (penteados, maquiagem, adereços, cenário, iluminação, entre outros). Foi utilizada uma câmera digital, (*CANON Rebel T5i*) para o registro das imagens. Os ensaios aconteceriam preferencialmente em estúdio, mas decorrente das mudanças necessárias por conta da Covid-19, as fotos e registros foram realizadas dentro da minha casa.

A seleção, edição e tratamento das imagens, foram acuradas para que haja coerência na transmissão da mensagem passada, já que será a minha interpretação sobre o discurso e relatos dos convidados entrevistados. Durante todos os processos, houve registro das produções dos adereços e das maquiagens, para que ao montar o trabalho final (o ensaio fotográfico propriamente dito), possa haver uma noção do processo. No presente trabalho, a criação realizada teve teor teórico-prático composta pela poética da autora baseada no mergulho da realidade do “outro”. A fase final da então pesquisa, foi a redação do trabalho, a documentação, e o relato dos processos de desenvolvimento artístico, entre eles: Criação, desenvolvimento da produção, e a pós-produção. Sempre demonstrando e justificando as escolhas de composição, materiais e teorias utilizadas para a produção dos ensaios.

Nicolas Bourriaud aborda a relação sobre o olhar do outro, em sua teoria, ele discorre sobre como cada indivíduo através de seu comportamento gera sua própria forma. Neste projeto, utilizarei da minha poética e interpretação para retratar a individualidade e identidade do outro, a diferença entre identidade e singularidade está no resultado dos encontros entre os indivíduos. Não existe uma fórmula exata. É um processo qualitativo e não quantitativo, que depende dos fluxos e as redes que articulam a subjetividade.

O que conduz o pensamento de Bourriaud é a reflexão que o autor faz sobre as relações humanas e a arte ao decorrer das décadas, tendo como ponto de partida teórico e prático o grupo das relações humanas. Bourriaud faz a reflexão sobre o conceito de si, e de como a arte relacional é inseparável dessa concepção. A atividade artística tenta efetuar ligações, abrir passagens obstruídas, e pôr em contato níveis de realidades apartadas.

Tendo em vista esses aspectos, este trabalho se apoia em três instâncias igualmente potentes: A relação, a pergunta e a conversa; A maquiagem e os adereços; e A fotografia. Esses pilares deram base tanto para o processo da pesquisa quanto para o processo artístico final.

A elaboração da pesquisa teve início antes da pandemia da Covid-19, que por medida de proteção, nos manteve dentro de casa, e causou grande transformação na vida de todas as pessoas do mundo, mas certamente também gerou grandes reflexões internamente em cada indivíduo. Os convidados relataram que realizar a entrevista num período de isolamento e transformações, certamente influenciou as respostas. O convívio em isolamento passou a ser quase todo de maneira online e remota, gerando assim, uma transformação nas relações e uma maior reflexão sobre a sociedade, como nos relacionamos. A produção de autorretratos foi uma adaptação feita na execução da produção final, trazendo viabilidade, coerência e ética para a produção da pesquisa acadêmica, num momento tão delicado.

A intenção principal desta pesquisa é que as fotografias sejam um meio para a comunicação de ideias, provocando por experiências visuais e estéticas, a reflexão. Para que assim, os participantes do trabalho e outros espectadores possam fazer considerações e observações sobre como nos apresentamos para a sociedade. A maquiagem artística e produção de adereços não são muito explorados na área artística, muitas vezes ficando restritos a área da beleza e da estética, então vejo relevância em trazer essas modalidades para o campo da representação artística, juntamente com a proposta do projeto que busca uma reflexão densa sobre os pensamentos, desejos e sentimentos mais íntimos do ser humano. Justificando-se, pois os conceitos refletidos e estudados são presentes em minha vida profissional. A pesquisa poderá colaborar em estudos contemporâneos sobre a área da maquiagem artística e nos campos da fotografia poética e editorial.

Apesar dos dogmas presentes sobre a utilização da maquiagem como manifestação artística, este trabalho desloca-a do nicho do embelezamento e consumismo desenfreado. Com a linguagem da maquiagem, podemos compreendê-la como uma linguagem visual artística pois incorpora-se e interage com o corpo, sendo não só um suporte.

O Artista de maquiagem ideal, tem o olho de um caricaturista, as mãos de um escultor, o pincel de um pintor de retratos e a curiosidade de um estudante. Como o ator, ele deve estudar os velhos mestres, os clássicos do passado, as maravilhas mecânicas de um futuro da era espacial, e acima de tudo, nosso variado e fascinante mundo do presente (TAYLOR; SUE, 1980, p. 66).

No livro *“Making A Monster”* (Fazendo um monstro), escrito por Al Taylor e ilustrado com fotografias, por Sue Roy, encontramos a definição citada acima sobre a atuação de um *“makeup artist”*, o que seria um artista de maquiagem, traduzindo para o português, ou o termo *“Maquiartista”*, usado por Márcio Ricardo Desidere em seu artigo “Desterritórios nas Artes Visuais: O campo híbrido do (da) maquiartista em redes de criação compartilhadas”. (2021), que reflete a respeito de um artista híbrido emergente, que desbrava aspectos desconhecidos e esquecidos, sendo assim essencial para a formação de pensamento crítico sobre a arte contemporânea.

Esse livro relata a criação de personagens para as telas de cinema pelos grandes maquiadores, detalhando os personagens feitos para filmes de Hollywood com maquiagens e próteses. De acordo com essa definição, Al Taylor deixa claro que a maquiagem abrange inúmeras técnicas, como o estudo de luz e sombra, proporção áurea, escultura, pintura e desenho. É possível perceber então, que a maquiagem é um conjunto de técnicas que transformam o corpo não em apenas um suporte, como uma tela é para uma pintura, o corpo, nesse caso, faz parte de sua composição lhe dando propósito.

E aqui, ressalta-se portanto, a significativa mudança no projeto, imposta pela circunstância da pandemia decorrente da Covid-19, mudando a maquiagem, que seria executada sobre os corpos dos entrevistados, para o corpo da autora. Devido às restrições de contato, todas essas alterações foram comunicadas aos convidados entrevistados, e com o aval deles, prossegui com a produção, optado por uma execução de pesquisa ética e seguindo todos os protocolos de segurança.

Para a presente pesquisa também serão utilizados conhecimentos e desenvolvimentos teóricos sobre a fotografia digital, baseados em Philippe Dubois

(1993). José de Souza Martins não só vê a fotografia como um meio de registro de uma realidade social e sim como parte do imaginário dela (da sociedade). Além de ser dotada de uma narrativa respectiva, a fotografia seria “representante da imaginação coletiva de determinado momento social” (PERSICHETTI, 2008, p. 209). Ou seja, ela carrega uma representação fictícia no sentido de não podermos comprovar a veracidade da fotografia, e isso não a torna menos real, só que por ser dotada tanto do olhar do fotografo quanto do “espectador”, ela tem diversas facetas e interpretações, é neste momento em que entra o imaginário. A fotografia, portanto, não é algo estagnado, um congelar de certo momento, pois à cada nova possibilidade de significação atribuída a ela surge uma nova narrativa, um ponto de vista, uma interpretação. A conscientização sobre a impossibilidade de congelar uma cena traz à tona a ideia de que a fotografia vai além de uma “documentação da sociedade”, ou seja, ela não documenta o cotidiano, mas “faz parte do imaginário e cumpre funções de revelação e ocultação na vida cotidiana, as pessoas representam-se na Sociedadee para a Sociedade quando são fotografadas” (REIS, 2009, p. 2). Cria-se uma dramaturgia social, que vai além de um código simplesmente visual. A fotografia dá margem ao desenvolvimento de histórias, criação de personagens e suposições. Ela abre um leque de possibilidades para a imaginação.

Este presente trabalho de conclusão de curso é dividido em duas partes. No primeiro capítulo encontram-se as definições, a história da maquiagem relacionada ao surgimento dos produtos cosméticos e, também, uma introdução a utilização de adereços feitos em *assemblage*, por ser este o princípio utilizado para a realização dos adereços, abordando uma visão geral da sua utilização na contemporaneidade. No mesmo capítulo, abordo também uma breve apresentação das teorias e vertentes filosóficas, e como essas teorias convergiram para a produção final dos ensaios fotográficos. Ao passo que no capítulo dois, o estudo de caso revela-se na confecção e produção das peças finais decorrentes da interpretação das entrevistas e a execução da produção dos adereços, croquis e *moodboards* das maquiagens, analisando assim, o percurso criativo.

1. PARTE I.

1.1 Contextualização histórica sobre maquiagem e adereço

O conceito de beleza e o que nós achamos bonito, é apenas a abertura da janela para o mundo em que vivemos.

Tal conceito pode ser interpretado como uma construção social, e o ideal de beleza pode ser analisado por meio da história e das obras de arte. Segundo Humberto Eco, em sua obra, “História da Beleza” (2004), a ideia de beleza não é única e restrita, variando nas diversas épocas e contextos históricos. No século XX, os ideais de beleza passam a ser desenvolvidos pela indústria cultural, assim como a maquiagem e produtos cosméticos difundidos pelos meios de comunicação em massa e o comércio.

A história da maquiagem e produtos cosméticos, juntamente com a pintura corporal, é muito extensa e está presente em quase todas as sociedades do planeta, abrangendo mais de sete milênios. Vale reiterar que, essa área está em constante difusão e se propaga cada vez com mais intensidade e conta com uma presença significativa na história em geral e na história da arte.

A pintura corporal e facial, pode ser encontrada no período paleolítico superior (30.000 a 10.000 a.C), de acordo com Simone Tinelli em seu livro, “Maquiador: manual prático de maquiagem” (2016). A prática de pintar e desenhar sobre o corpo sempre fez parte da vida dos sujeitos, seja através de práticas e tradições ritualísticas, para sobrevivência, representações da simbologia cultural, proteção, entre outros significados e finalidades.

Em “História da Maquiagem, da Cosmética e do Penteados” (2008) de Ana Carlota R. Vita, é apontado que os primeiros indícios do uso de produtos cosméticos datam aproximada de 10.000 anos a.C, usados no Egito Antigo. Óleos essenciais para a realização de pastas, cremes e pomadas eram extraídos de flores e plantas para tratamento de rugas e queimaduras de sol, goma da erva de olíbano, raiz de absinto, mel, mirra, manjerona, cera de abelha e resina eram alguns dos materiais utilizados. As maquiagens tinham papel estético, terapêutico e religioso.

Em 1862 foi descoberto o Papiro Ebers, encontrado em um túmulo próximo a Tebas, cidade-estado grega, o papiro contém mais de 700 fórmulas para remédios,

demonstrando o grau de estudo do corpo humano e princípios ativos. É considerado o tratado médico mais antigo e importante que se tem conhecimento. Datado de aproximadamente 1550 a.C. Atualmente o papiro está em exibição na biblioteca da Universidade de Leipzig, localizada na Alemanha e leva esse nome em homenagem ao monge alemão Georg Ebers, que o adquiriu no ano de 1873.

Nesse papiro, encontram-se receitas destinadas ao tratamento de doenças nas pálpebras e fórmulas utilizadas para proteger os olhos devido ao clima da região. Indicando compostos como malaquita verde, ocre vermelho, lápis-lazúli, galena preta, criando assim, pigmentos. Por serem extraídos de rochas, esses compostos continham cobre, manganês, chumbo, ferro e óxidos de magnésio. As cores predominantes encontradas nos cosméticos eram o preto e o verde e diversos exemplares foram encontrados em oferendas funerárias e representações em papiros. O item mais difundido e usado até hoje, o *kohl* ou *kajal*, é um cosmético para os olhos, originalmente feito pela moagem do minério estibina. É amplamente utilizado no Oriente Médio e Norte da África, Sul da Ásia e África Ocidental, para contornar e escurecer as pálpebras, assemelhando-se ao uso do delineador e lápis para olhos.

De acordo com Rose Zuannetti, descrito em seu livro, “Salão de beleza: maquiagem”, publicado pela editora Senac (2000). A palavra “cosmético” vem da palavra grega “*kosmetikós*”, e significa “o que serve para ornamentar”.

Argumenta-se no livro “*Face Paint: The Story of Makeup*” (2015), escrito por Lisa Eldridge, maquiadora britânica que trabalha para a marca de maquiagens *Lancôme*, que a arte da pintura corporal foi a forma ritualística mais antiga na cultura humana. Desde o norte da África, passando por todo continente asiático, Europa, as Américas e Austrália, ganhando forma como um produto cosmético na Europa, no século 19, mais precisamente no final de 1800, na Era Vitoriana. Ganhando popularidade e se revolucionando mais na década de 20, nos Estados Unidos da América e Europa por conta da indústria cinematográfica, e transformando-se no que é conhecido hoje, como maquiagem moderna.

Como maquiadora artística, vejo ser de extrema importância visitar e estudar o surgimento e história da maquiagem e dos produtos cosméticos, entendendo a percepção de beleza de cada época e como os materiais eram feitos e utilizados, para criar a partir da maquiagem, arte na contemporaneidade.

Para o estudo mais aprofundado, me baseei nos escritos de Madeleine Marsh, artista e escritora especializada em artigos colecionáveis do pós-guerra, moda vintage e história feminina. Grande parte da atual pesquisa e dos conhecimentos que adquiri em minha jornada como maquiadora, baseiam-se no livro: “*Compacts and Cosmetics - Beauty from Victorian Times to the Present Day*”, (2009). Madeleine Marsh, já produziu vários catálogos destinados a colecionadores, e trabalhou como especialista no *BBC Antiques Roadshow* (programa de televisão estadunidense).

De acordo com Marsh, a maquiagem e produtos cosméticos que mais se assemelham como a conhecemos hoje, ganhou forma na era Vitoriana. Após esse período, no século XX, é inaugurada a era da indústria dos cosméticos. Se na Era Vitoriana o ideal era usar pouca maquiagem, apenas pó de arroz, vaselina e um pouco de *rouge*, (do francês, "vermelho") hoje em dia conhecido como blush, tudo se transformou a partir de 1900. Em 1910 é datada a abertura do primeiro salão de beleza do mundo em Londres, fundado por Helena Rubinstein. Em 1921 surge o batom em bastão, em Paris, e revoluciona a forma de se carregar maquiagem, tornando-os mais acessíveis. As primeiras máscaras para cílios foram desenvolvidas pela empresa *Maybelline*, a qual é popular até hoje. As máscaras eram simplesmente barras com pigmentos pretos em que se esfregava um pequeno pincel, e em seguida, aplicava-se o produto nos cílios.

De acordo com Madeleine Marsh houve uma grande mudança após a primeira guerra mundial, a indústria manufatureira percebeu um novo campo para fazer fortuna. Através das transformações da humanidade e suas rupturas, a denominação do que é considerado “maquiagem” tornou-se plural, abrangendo vários significados. O uso da pintura corporal, como demonstrado anteriormente, é reconhecido desde a idade da pedra lascada e continua assim, nas diversas culturas existentes atualmente. A maquiagem já foi utilizada para a diferenciação de níveis hierárquicos. É possível perceber a dicotomia de uma maquiagem usada na alta sociedade por uma rainha, comparada a maquiagem usada por uma prostituta.

Abordar todos os aspectos da pintura corporal seria uma possibilidade de caminho de pesquisa, porém, foi preciso fazer uma escolha. Pensar em arte indígena ou africana como parte do percurso para o trabalho apresentado distanciaria o olhar da utilização e da história dos cosméticos, por exemplo. No entanto, reconheço que há um vasto campo de possibilidades para ampliação do olhar e da pesquisa pela

ramificação em outros setores, como a utilização de pinturas corporais e adereços via arte dos povos originários brasileiros e/ou africanos.

Dessa maneira, surgem questionamentos para tentar entender qual seria a denominação da maquiagem, pois atualmente maquiagem pode ser considerada apenas o ato do uso de cosméticos, usado muitas vezes para disfarçar imperfeições no rosto, transformar a aparência e realçar a beleza, sendo majoritariamente utilizada e fabricada para o público feminino. Maquiagem é pintura, é forma de expressão, é decisão política, é também história, e acima de tudo, não é restrita ao uso de apenas um gênero. Explorar seu uso contribui para cultura e o aprimoramento de uma visão crítica acerca do uso do corpo.

Como exemplificado a seguir no artigo “A crítica de processos na perspectiva da continuidade da criação no espectador” (2019), de Patrícia Dourado, publicado pela revista Farol. Ela cita, baseado nos escritos de Simondon, filósofo francês, que o processo de individuação é de emergência de singularidades e de transformação, pois não existe um indivíduo acabado e pronto, sendo ator do processo cultural. As sociedades só existem e as culturas só se formam através das interações.

Também apontado no artigo, o antropólogo Edgar Morin discorre sobre cultura e sociedade no trecho:

As sociedades só existem e as culturas só se formam, conservam, transmitem e desenvolvem através das interações cerebrais/espirituais entre os indivíduos. A cultura, que caracteriza as sociedades humanas, é organizada/organizadora via o veículo cognitivo da linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das competências aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica [...] (MORIN, 2011, p. 19).

Sendo então evidente a importância da maquiagem até a sociedade vigente, elas foram usadas em movimentos tanto sociais quanto políticos, na moda, como representações estéticas de gerações, nas artes visuais, nas artes cênicas, no áudio visual, em performances, e como forma de expressão individual. O ato de maquiar-se ou maquiar ao outro é uma importante parte do processo criativo. O artista influencia outros e é influenciado por meio da cultura, do ambiente, de relações interpessoais e do contexto histórico, contribuindo para que haja o conhecimento sobre diversas realidades e aprimoramento de uma visão crítica por meio da maquiagem.

Além da maquiagem, esse presente trabalho conta com a produção de adereços para compor a obra final. Me deparei com a frase “Vestir a Invenção” quando realizei a leitura do artigo “Vestir a invenção: poéticas de guerrilha artística em

ações coletivas” (2019), publicado na revista dObra[s] por Ariane Vitale e Renato Bolelli. Sendo essa uma ideia que também será transmitida ao olhar o para o resultado final do trabalho.

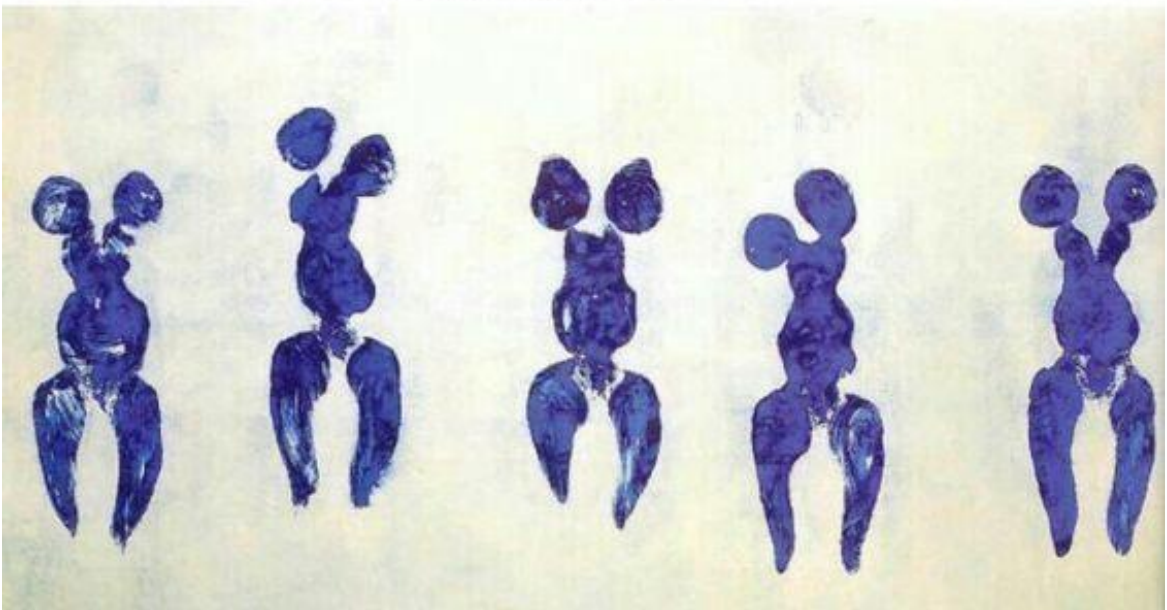
Assim, temas como a composição da personagem, a coerência com um texto ou narrativa preexistentes e a funcionalidade/viabilidade com relação ao ator/atriz/ performer dão lugar a outras investigações, como a produção de um sentido de *work in process* (o processo de criação é que dá origem à imagem/resultado), a busca/coleta/escolha de materiais como trajetória narrativa e as possibilidades oferecidas pela criação em relação ao corpo e ao espaço em que está inserido (VITALE; BOLELLI, 2019, p. 35).

Como podemos observar no trecho acima, o processo de criação dos adereços dá origem à imagem e ao resultado, compostos pela história da qual pretende-se transmitir. A “invenção” criada para compor o presente trabalho, baseia-se na composição de diversos fragmentos e materiais que se relacionam com as entrevistas, dando-as sentido, compondo harmoniosamente e dialogando com as maquiagens realizadas. Esses elementos foram produzidos de maneira autoral, e se complementam e expandem a cada etapa da criação e composição. Vestir a invenção neste processo, não é apenas vestir objetos e adereços, mas vestir uma narrativa.

1.2 Referências teóricas, Estética Relacional e Teoria “corpomídia”

Como referência da história da performance, Yves Klein, artista francês, nascido em 1928 em Nice, marca uma transição na qual a tinta não é somente colocada no suporte, mas utiliza do corpo como instrumento de gravação, em sua obra “*Anthropometry of the Blue Period*”, no ano de 1960, traduzida como “Antropometria do período azul”.

Figura 1 - Yves Klein, *Anthropometry of the Blue period*, 1960.
Pigmento puro e resina sintética sobre papel e tela



Fonte: Charles Wilp. Disponível em: <https://www.sothebys.com/en/articles/how-yves-klein-changed-the-language-of-art>. Acesso em: 26. Ago. 2021.

O termo instrumento, bem como a nudez, foram criticados na época, contudo, os corpos das modelos não eram apenas considerados instrumentos, mas sim “pincéis vivos”. Klein usou modelos femininas nuas como “pincéis”, prensando corpos contra o suporte de papel. Ele encenou a realização de Antropometrias como performances elaboradas para um público, utilizando a cor Ultramarino ou IKB, recentemente conhecida como Azul Klein da qual é a designação da tonalidade de azul que Yves Klein obtinha.

Em meu trabalho, pinto principalmente o rosto e, algumas vezes, o torso. A maioria das criações se transforma durante o próprio processo, pois ocorrem de forma intuitiva, por mais que sejam elaboradas em forma de croqui anteriormente à produção.

Em referência à “teoria corpomídia”, desenvolvida por Helena Katz e Christine Greiner, descobri novos direcionamentos que ampliaram minha visão para o campo da utilização o corpo como suporte para a maquiagem, na relação do artista com o corpo, da hibridização, mescla de técnicas, tecnologias e materiais.

Como foi gestada na área de Comunicação, a sua nomeação teve como ponto de partida a necessidade de afirmar a importância das discussões do corpo não apenas na mídia (corpo na publicidade, corpo na televisão, etc.) mas a de propô-lo, ele mesmo, como uma mídia, um corpomídia (KATZ; GREINER, 2005, p.9).

Como podemos perceber no trecho citado acima, a principal característica de tal estudo é construir uma teoria do conhecimento transdisciplinar, a qual conecta diversos campos do conhecimento para tratar da relação com o corpo. Os primeiros estudos corporais das autoras surgiram da investigação a partir da dança, dada a formação das mesmas. Sendo a confluência de estudos entre área da dança e da comunicação.

Propor o corpo como uma mídia e não apenas sendo veiculado na mídia. É a proposta de tal teoria que, quando informação e corpo se chocam, a informação se transforma. Tudo é considerado fluxo e acontecimento, e não temos mais separação de emissor e receptor de informação e mensagens, sendo assim, não separando veículo ou canal. Quando o corpo processa informação, ele se modifica, afirmando assim, que a informação se transforma em corpo e vice-versa.

O corpo deixa de ser apenas um suporte, integrando-se a obra e sendo inseparável da mesma. Quando alterado, ainda continua a se relacionar com o meio, mas agora

de maneiras diferentes, o que leva a propor novas formas de troca. Meio e corpo se ajustam, estando assim em constante transformação.

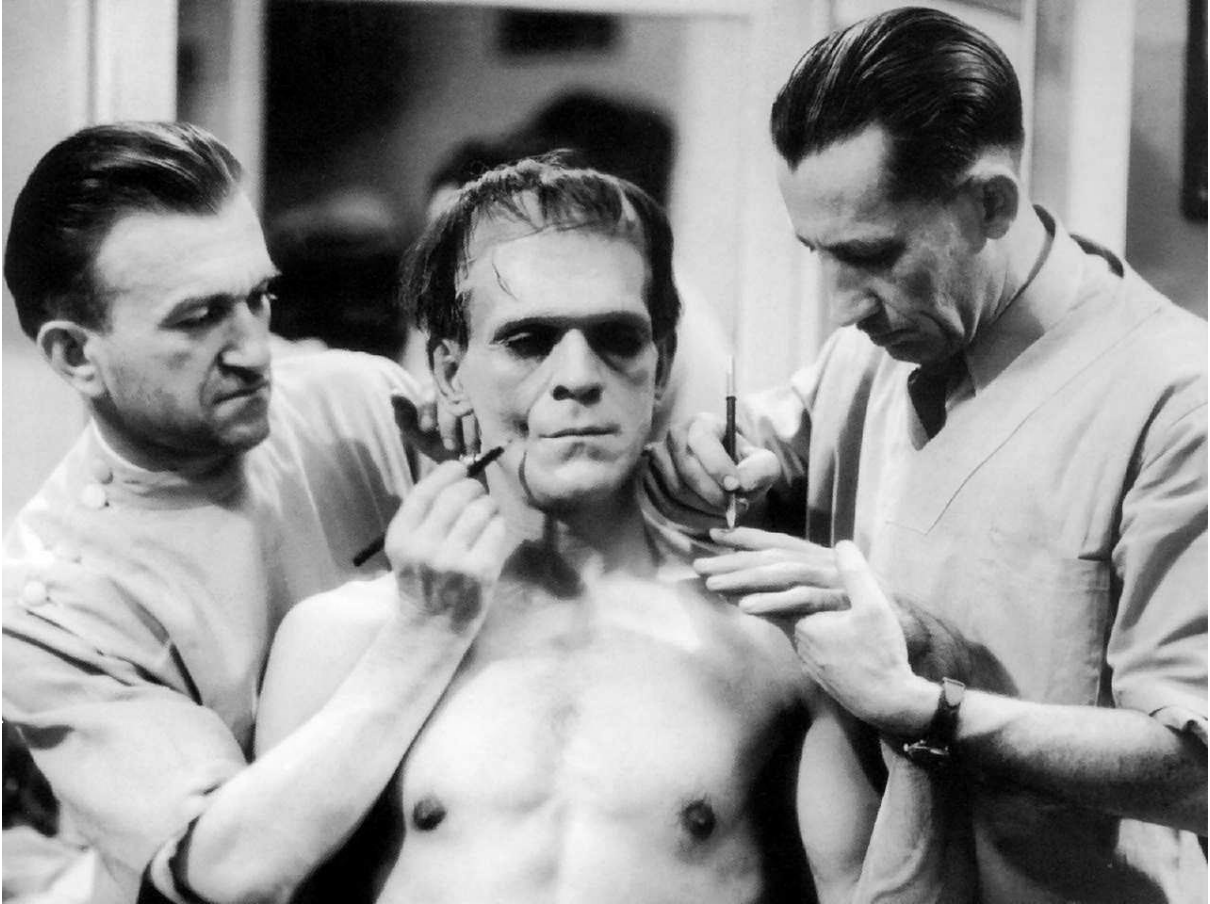
Helena Katz é crítica de dança, graduada em Filosofia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 1971. Em 2010 tornou-se professora na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia. E Christine Greiner, graduada em jornalismo pela Faculdade Casper Líbero (1981), Mestre e Doutora pela PUC-SP e pós-doutora pela Universidade de Tóquio (2003), pelo *International Research Center for Japanese Studies* (2006) e pela *New York University* (2007). As duas desenvolveram a Teoria Corpomídia.

O que está fora adentra e as noções de dentro e fora deixam de designar espaços não conectados para identificar situações geográficas propícias ao intercâmbio de informação. As informações do meio se instalam. O corpo alterado por elas, continua a se relacionar com o meio, mas agora de outra maneira, o que leva a propor novas formas de troca. Meio e corpo se ajustam permanentemente num fluxo inestancável de transformações e mudanças (KATZ; GREINER, 2001, p. 71).

É possível relacionar a partir do trecho apresentado acima, que a relação da maquiagem e da arte é interdisciplinar, transita por vários sistemas, desde a vida cotidiana até espetáculos e filmes cinematográficos. Maquiagem não é apenas sobre beleza, é sobre caracterização e harmonização de formas.

Podemos citar Jack Pierce, maquiador conhecido por assinar a produção de cabelo e maquiagem de diversos filmes protagonizados pelo ator Bela Lugosi. Jack Pierce foi também artista criador do design e maquiagem do personagem Frankenstein, no filme de mesmo nome, lançado no ano de 1931, por James Whale. Pierce transformou a indústria da maquiagem ao usar em seu processo algodão e cola na construção da cabeça e face do ator, dando volume, luz e sombra ao personagem interpretado por Boris Karloff. A linguagem da maquiagem passou a incorporar próteses de látex e de silicone nos atores e atrizes, inovando na construção de novas possibilidades, incorporando mais um campo na arte da maquiagem. É imprescindível o conhecimento de anatomia e escultura para se conseguir a realização das próteses. Adereços também são criados para a melhor caracterização dos personagens, sendo maquiagem e figurino inseparáveis para um trabalho coerente.

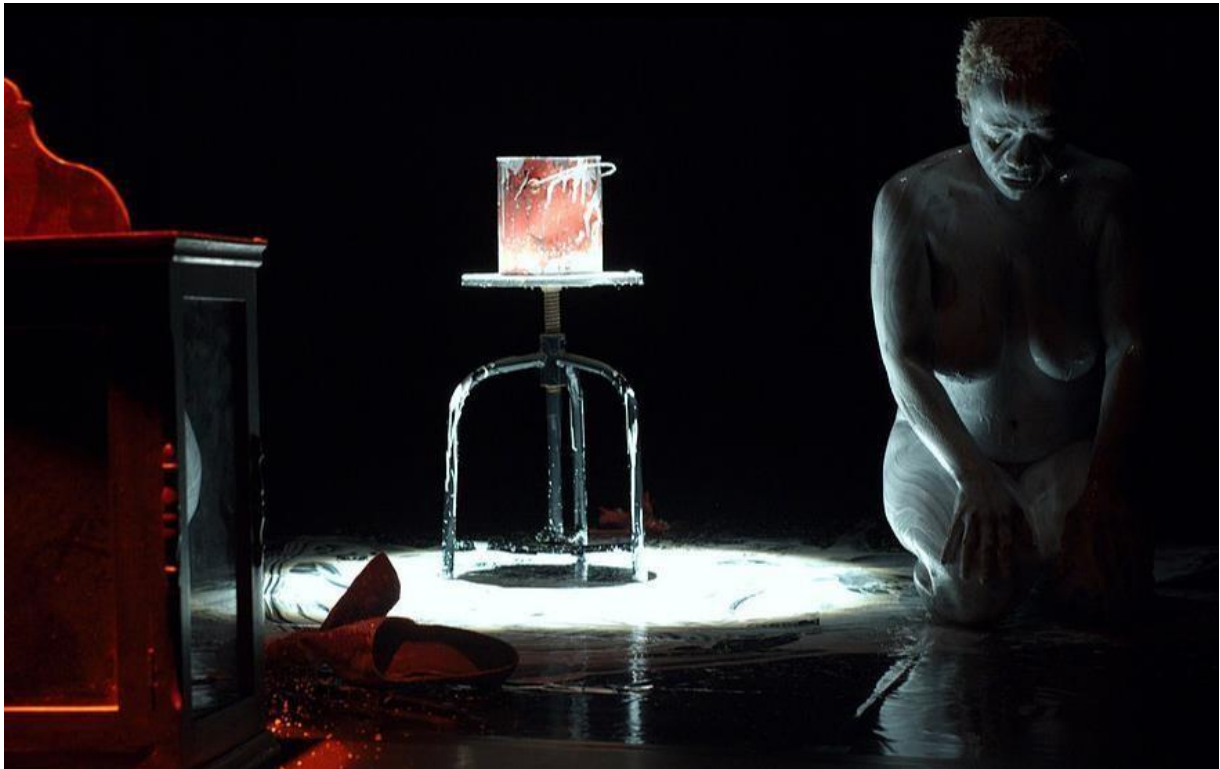
Figura 2 - Karloff no set do *Frankenstein* (1931), com Pierce (à esquerda) aplicando maquiagem no rosto do Monstro.



Fonte: Autor desconhecido. Disponível em: <https://ascmag.com/articles/jack-pierce-forgotten-make-up-genius>. Acesso em: 26. Ago. 2021.

Também é possível associar o uso da pintura corporal e maquiagem na performance. Como exemplo *“Merci Beaucoup, Blanco!”* (2015), da artista Michelle Mattiuzi, tal performance explicita por meio da experiência estética o violento ideal da busca pela pele branca, o desejo de “embranquecimento” social difuso na sociedade brasileira. Com o corpo desnudo, a artista banha-se de tinta branca, tal ação, como a própria artista descreve, “Me aproprio da cor branco e componho imagens com o corpo em movimento, as chamo de ações em performance arte” (MATTIUZI, Michelle. 2013). Tal performance foi indicada ao Prêmio PIPA, em 2017.

Figura 3 - Performance: “*Merci Beaucoup, Blanco!*”, Concepção e Performance: Musa Mattiuzzi, Dimensões variáveis.



Fonte: Kitamura, 2013. Disponível em: <https://musamattiuzzi.wixsite.com/musamattiuzzi/portraits>.

Acesso em: 26. Ago. 2021.

Abordando o processo do fazer maquiagem, sinto que minha produção, mesmo planejada em rascunhos e croquis, se adapta ao momento, assemelhando a poética e o fazer de Fayga Ostrower, outra artista e teórica da arte. Ela vê a intuição e a criação como elementos fundamentais e necessariamente conectados a todos momentos. Ostrower (2001), diz que existe uma grande distância entre o fazer e o imaginar, e que o momento mais difícil é o de decidir o final de uma obra quando todos os elementos visuais estão relacionados para formar conjuntos harmoniosos, porém também expressivos. Diz também que esse momento é “improgramável”. A autora alega que tudo ao nosso redor influencia intuitivamente no fazer artístico desde a postura das pessoas ao redor, os olhares, o clima e até mesmo o horário, dialogando diretamente com a filosofia desenvolvida por Bourriaud. Ostrower enfatiza que a beleza não é o “bonitinho”, mas sim a profundidade das criações e seus sentidos.

Me baseando nos escritos de Nicolas Bourriaud, em seu livro “Estética Relacional” (2009), a obra de arte é reconhecida como interstício social. A arte relacional toma como esfera e base as interações humanas e seu contexto social mais do que a afirmação de um espaço simbólico, autônomo e privado.

A urbanização generalizada pós Segunda Guerra Mundial permitiu o aumento dos intercâmbios sociais e maior mobilidade do indivíduo graças ao desenvolvimento ferroviário e das comunicações. Desenvolvendo uma maior abertura de mentalidades e gerando o desenvolvimento da cultura urbana mundial.

O que está desaparecendo é a concepção aristocrática da disposição das obras de arte, (agora é uma duração a ser experimentada e não mais um sentimento de posse). Podemos elencar como tais mudanças, a experiência de proximidade, encontros e elaboração coletiva de sentido. A arte gera estados de encontros fortuitos, de modo que “a estética relacional constitui não uma teoria da arte, que suporia o enunciado de uma origem e de um destino, e sim uma teoria da forma” (BOURRIARD, 2009, p. 26). Dito isso, podemos atestar que a obra não detém monopólio da forma; ela é apenas um subconjunto na totalidade das formas existentes.

As obras mantêm juntos momentos de subjetividade ligados a experiências singulares. São essas experiências singulares que me proponho a estudar e transformar em formas visuais, gerando a transformação de relatos em objetos artísticos.

Nicolas Bourriaud também discorre que a “cola” que relaciona os momentos de subjetividade às experiências singulares é cada vez menos perceptível, pois a experiência visual se tornou mais complexa e enriquecida durante os séculos e suas evoluções tecnológicas. As formas são apenas formas, mas nós as convertemos em significados e assim conseguimos contemplá-las, sendo então a participação do espectador de cunho principal para a arte, criando novos espaços e debates, pois a ordem relacional se inicia a partir do Renascimento na dialética.

A arte então, é capaz de fornecer encontros casuais, individuais e coletivos. A questão abordada não é sobre ampliar os limites da arte, mas testar a capacidade de resistência dentro do campo social, relaciona-se com uma sociedade eclética.

Dialogando com a produção final deste presente trabalho também foi possível me basear nas reflexões do autor acerca das Relações-Tela. Pois, os suportes

modificam-se, se moldando tecnologicamente conforme a passagem de tempo, tecnologia e práticas artísticas sempre andaram juntas.

Será possível traçar um paralelo entre o surgimento da fotografia (impressionismo) e a atual proliferação de telas nas exposições? Pois nossa época é realmente a época da tela (BOURRIAUD, 2009, p. 92).

A fotografia foi escolhida como meio de registro por ser o veículo mais viável para a propagação e visualização de todas as etapas do projeto finalizado, ainda mais por estarmos em meio a uma pandemia. Os equipamentos de vídeo e foto participaram da democratização do processo de produção das imagens e marcam mais as vidas cotidianas. As formas tornam-se nômades e fluidas, permitindo a reconstrução dos objetos.

1.3 Processo de elaboração do tema e proposta pré-pandemia e soluções para continuidade do projeto.

A escolha da temática e do processo investigativo se deu pois sempre trabalhei como maquiadora e durante toda a graduação sentia falta da abordagem acadêmica a respeito da maquiagem e pintura corporal como uma forma de arte, como exemplificado na citação seguinte.

No final de 2019, decidi o tema da pesquisa de meu trabalho de conclusão de curso, este em questão. Nesse momento, percebi a necessidade em expandir o campo de conhecimento para minha produção, e dar foco ao meu interesse na produção poética de maquiagens artísticas. Portanto, acho muito importante ter realizado uma pesquisa-criação com o enfoque em maquiagem e confecção de adereços, ainda mais sobre uma pesquisa que aborda questões tão sensíveis e profundas, realizando uma imersão na realidade dos convidados a partir de seus relatos.

Por vezes desconsiderada, desprezada e banalizada na área das artes visuais, a maquiagem lida com uma escassez de informação e fundamentação teórica. Assim, trazendo nosso ponto de vista sobre novas formas de criação com a maquiagem nas artes visuais, que se flexibiliza e se adapta com as novas tecnologias e a virtualização acelerada, compartilhada, enxergamos caminhos desterritorializados. Para descrevê-lo, consideramos fundamental localizar as mutações que estamos experienciando na arte contemporânea, para a qual a linguagem da maquiagem pode trazer uma visão ampla e esclarecedora, na miscigenação de entretenimento, mercado, cultura popular e pesquisa acadêmica (DESIDERI, 2021, p. 274).

Vejo neste trabalho uma conclusão para tudo o que estudei, aprofundei como área de atuação profissional, e produzi nesses anos. Os adereços e fotos foram feitos com materiais reutilizados e de baixo custo, realizando todos os processos e etapas da produção, sozinha, na sala da minha casa.

A ideia inicial foi pensada para um outro contexto de sociedade, o qual não é viável atualmente, quando vivemos no isolamento social em função da pandemia da Covid-19, desde março de 2020. Foi preciso mudar e repensar a quantidade de entrevistas e maquiagens. Inicialmente a pergunta central e tema da pesquisa seria feita para 5 entrevistados, os quais também serviriam de modelos para o ensaio fotográfico.

Após as cinco entrevistas, haveria o preparo e a confecção das maquiagens e dos adereços, desenvolvidos exclusivamente para cada pessoa que iria participar do projeto. A preparação e a produção dos ensaios fotográficos aconteceriam preferencialmente no estúdio da Unesp, e com o trabalho finalizado, uma possibilidade pensada era a confecção de um catálogo e até mesmo uma exposição, utilizando o espaço da Galeria Aquário da UNESP.

Contudo, para uma produção ética e viável em período pandêmico, realizei diversas mudanças no cronograma de execução da ideia inicialmente proposta. Reduzindo o número de convidados, e executando a interpretação do conteúdo obtido na entrevista em forma de autorretratos, sem descaracterizar ou alterar o que seria feito em cada convidado.

PARTE II.

2. PARTE II

2.1 Entrevistas

As entrevistas foram realizadas com dois convidados, ambos meus colegas de turma desde o início da graduação, no ano de 2017. As entrevistas foram individuais e intimistas para não intimidar as falas dos convidados, deixando-os à vontade e confortáveis. Todo o conteúdo das entrevistas foi obtido e registrado de maneira remota, seguindo à risca todas as recomendações para prevenção da Covid - 19.

No início da entrevista foi explicado aos convidados em questão como seria feito o processo e pesquisa do TCC, e acordado com os mesmos que todo o material e falas realizadas na entrevista poderiam ser utilizadas para a realização do processo, e baseada em minha interpretação dos relatos produziria adereços e maquiagens pensadas exclusivamente para cada um, e então, a partir desses feitos, realizaria a produção das fotos, adereços e maquiagens, em mim, diante das circunstâncias pandêmicas.

Os entrevistados tiveram total liberdade para responder o que quisessem durante a entrevista e, por ser um conteúdo muito pessoal, transcrevi a partir de um documento criado por mim e interpretei as falas e discursos dos convidados para protegê-los de qualquer tipo de exposição desnecessária. Também foi ofertada a opção de anonimato para ambos, para que se sentissem ainda mais confortáveis, mas viram mérito na possibilidade de identificação de si mesmos e permitiram compartilhar o uso de suas identidades, caso necessário. Porém, pensando na repercussão futura desta pesquisa, e em acordo e discussão sobre o assunto com os mesmos, aqui foram adotados codinomes em respeito aos participantes. Inicialmente as fotografias seriam feitas neles mesmos, mas tendo em vista as mudanças que foram necessárias, optamos por não revelar a identidade e cada entrevistado foi identificado apenas com a letra inicial de seus nomes, neste caso, “L” e “A”.

Entrevista 1 - (QUEIROZ, 2020).

Convidado identificado como “L”,

Nascimento: 01/12/1997.

Entrevista concedida a: Stéfanie Bellomi Queiroz

Dia da entrevista: 18/11/2020.

16h 59min, quarta-feira.

Via Google Meet.

S- O que você é que os outros não veem, mas gostaria que fosse visto? (QUEIROZ, 2020).

L- “Eu não sei ao certo definir a pergunta em uma palavra, é uma coisa que eu evito de falar e expressar. Sinto que as pessoas costumam olhar para mim com uma visão que eu não me importo para nada nem ninguém, mas isso é mentira, na verdade eu me importo muito! Eu tenho muito medo de olhares, principalmente sobre meu físico, roupas, corpo, jeito de andar, mas eu sempre tento passar a impressão que eu não ligo para esses julgamentos alheios. A forma como eu me visto e como eu me comporto foram moldadas para não transparecer isso, mas a verdade é que eu me importo muito. É um medo muito grande e bem frequente, do olhar e do julgamento, um medo da ação alheia, mas é difícil falar isso para pessoas que não conhecemos. Eu gostaria que os outros me percebessem com mais delicadeza, queria que os outros vissem que eu tenho sentimentos e que eu me importo com as opiniões, queria que vissem meu lado emotivo e carente sentimentalmente. Gostaria que as pessoas reparassem isso, que nesse corpo de 1,80m habita sensibilidade também. Eu me percebo muitas vezes como uma pessoa negativa e que reclama muito, tentando desviar de coisas sérias e fazendo piada, sou uma pessoa pessimista. Mas meu eu gosto muito da minha criatividade, acho um dos pontos mais positivos em mim, a criatividade me faz sair de várias situações ruins” (“L”, 2020).

S- Me fale algo que te inspire intensamente, algum texto, obra de arte, livro, algo que desperte uma identificação forte. (QUEIROZ, 2020).

L- “A Performance do Grupo: Não Recomendados, Música O Tempo Não Para do Cazuza. É algo que me tocou muito a música é muito forte e abraça várias situações que eu já passei, primeira vez que eu vi, me representa muito, eu sempre tento fazer da minha arte militância LGBTQIA+, então essa me dá um calor no coração, é um misto de emoções, é muito forte como a apresentação me tocou”(“L”, 2020).

Figura 4 - Imagem capturada do vídeo “Não Recomendados - O Tempo Não Para / Não Recomendado”



Fonte: Não Recomendados - O Tempo Não Para / Não Recomendado | Sofar Rio de Janeiro.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=azPfUQkLgNM>. Acesso em: 13. jun. 2021.

Entrevista 2: - (QUEIROZ, 2020).

Convidado identificado como “A”,

Nascimento: 19/03/1998

Entrevista concedida a: Stéfanie Bellomi Queiroz

Dia da entrevista: 26/11/2020

16h 41min, quinta feira.

Via Google Meet.

S- O que você é que os outros não veem, mas gostaria que fosse visto? (QUEIROZ, 2020).

A- “Eu acho que sou uma pessoa muito chorona, por mais que eu tente não deixar transparecer isso, e, apesar de eu ser uma pessoa muito brava eu me importo muito com as pessoas, mais do que eu deveria, no quesito de colocar as questões dos outros na frente das minhas, me deixando em segundo plano. Isso já me prejudicou

muitas vezes, eu fico brava com as pessoas porque eu tento apaziguar as situações. Presto atenção nas coisas até demais, chega a ser até compulsivo a maneira que faço isso, vejo que é em busca do controle. Eu sou muito controladora, em todos os aspectos da minha vida. Dou atenção num nível muito alto em todas as questões, me entregando 100% em situações que eu não deveria e que não acrescentariam de forma positiva e proveitosa em minha vida. Eu sinto essa questão do controle mais presente em questões pessoais, não tanto com pessoas alheias, tento não transparecer isso para outras pessoas. Eu sou controladora comigo, mas quanto mais próxima e ligada eu fico dos outros, eu exijo delas algo que eu não deveria, expectativas irreais. Chego a ser agressiva quando alguém precisa de ajuda, porque eu exijo dela que ela seja perfeita, e perfeição não existe, demorei muito tempo para perceber que isso era uma forma de querer o bem da pessoa, mas de uma forma totalmente errada. Uma forma de proteger as pessoas, mas na verdade eu até desestimulava elas, e eu percebi que eu não tenho que controlar ninguém, eu estou ali para apoiar minhas amigas independente das escolhas delas.

Comecei a perceber então, esse meu comportamento e tentei melhorá-lo, por um tempo, eu me afastei sentimentalmente dos meus amigos. Foi um processo de me entender também como amiga dos outros, venho trabalhando isso faz um tempo e acho que melhorei muito.

Essa busca da perfeição e controle da vida dos outros, acontecia muito em relações de amizade, no quesito familiar ou afetivo romântico eu nunca percebi.

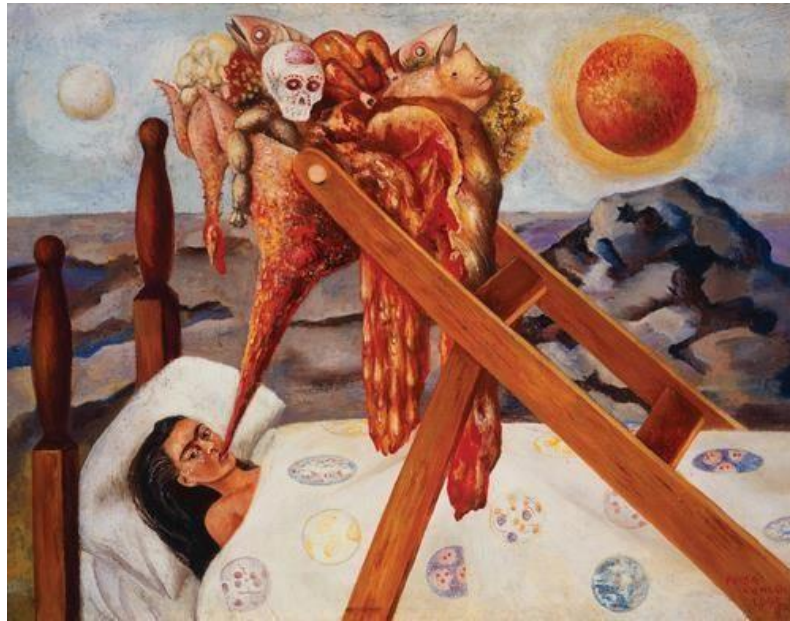
Gostaria que as pessoas enxergassem que eu também não sou de ferro, acho que as pessoas têm de mim a visão que eu sou muito forte, as vezes não consigo lidar com isso, elas acham que eu aguento tudo. E no final ninguém pergunta se eu estou bem, as vezes eu queria que percebessem que eu também preciso de um respiro, e que não me cobrem tanto.

Eu acho que apesar de eu ser uma pessoa muito controladora as vezes é bom pois eu não perco a linha, eu sou muito centrada e isso me ajuda muito, foco nos meus objetivos” (“A”, 2020).

S- Me fale algo que te inspire intensamente, algum texto, obra de arte, livro, algo que desperte uma identificação forte. (QUEIROZ, 2020).

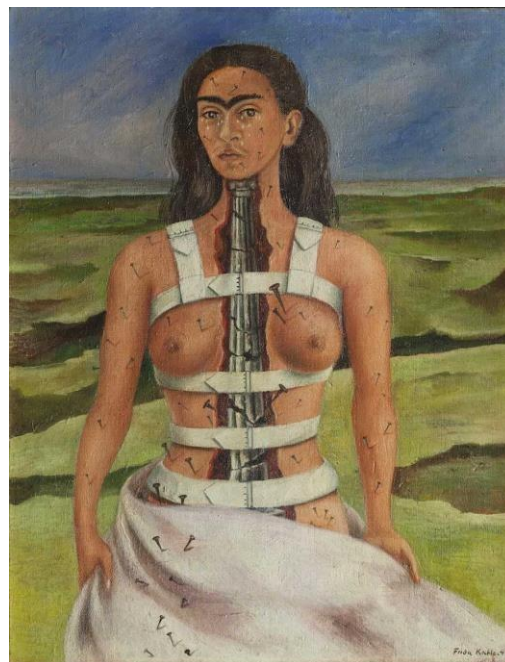
A- “Duas obras, da artista Frida Kahlo, a “Sem Esperança” que eu gosto muito, não sei se me representa, mas faz sentido para mim, essa obra me toca muito. Eu também gosto da que ela está com coluna de ferro, “A coluna partida”, escolho essas duas obras” (“A”, 2020).

Figura 5 - Sem Esperança



Fonte: Frida Kahlo. 28 cm x 36 cm. Tinta a óleo, 1945.

Figura 6 - A coluna partida



Fonte: Frida Kahlo. 39,8 cm x 30,7 cm. Tinta a óleo, tela de fibras, 1944.

2.2. Referências estéticas, baseadas nas entrevistas, voltadas para a confecção dos adereços e criação da maquiagem (*moodboards* e resultados).

Iniciei a produção dos adereços e maquiagens, na ordem em que realizei as entrevistas. Primeiramente, pensei no caso do convidado “L”, transcrevi o que me foi dito na entrevista, li diversas vezes e enquanto rascunhava e escrevia minhas ideias, ouvi a performance e cover da música “O tempo não para” feita pelo grupo “Não Recomendados”, da qual o mesmo me indicou como forte inspiração na última pergunta.

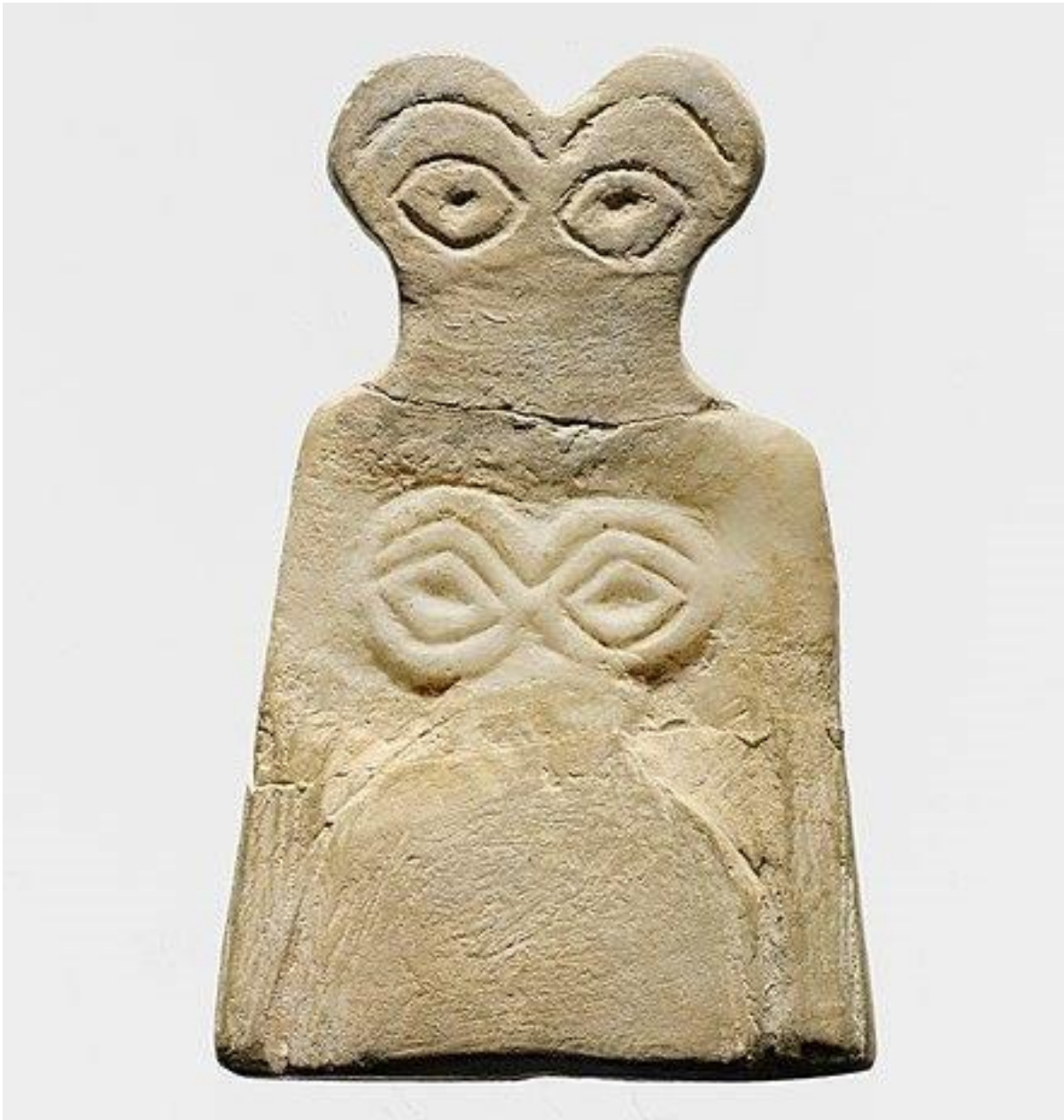
Analisando o discurso dele, me apeguei à frase: “Eu tenho muito medo de olhares”. (“L”, 2020)

Non vês que o olho abraça a beleza do mundo inteiro? [...] é janela do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um tormento. [...] Ó admirável necessidade! Quem acreditaria que um espaço tão reduzido seria capaz de absorver as imagens do universo? [...] O espírito do pintor deve fazer-se semelhante a um espelho que adota a cor do que olha e se enche de tantas imagens quantas coisas tiver diante de si.

(Trecho usado como epígrafe do documentário *Janela da alma*, de João Jardim e Walter Carvalho, Brasil, 2001, 73 min)

No documentário *Janela da alma*, de João Jardim e Walter Carvalho, são abordadas maneiras de se pensar e refletir os problemas de visão em uma perspectiva individual, voltando o foco para “o destino de cada um”. O roteiro tem em sua epígrafe um fragmento de um pensamento de Leonardo da Vinci, citado acima. Inspirada por esse trecho do documentário, e pela simbologia da qual o olho representa, baseei meus estudos para a confecção dos adereços e maquiagens, na obra “*O Livro dos Símbolos: Reflexões sobre imagens arquetípicas*”, de Taschen, 2010.

Figura 7 - Olho ídolo



Fonte: Templo de Ishtar (Síria-Israel), gesso alabastro; 6,5cm x 4,2cm x 0,6cm, 3700-3500 a.C, localizado no acervo Museu Metropolitano de Arte em Nova Iorque.

O olho pode receber luz e transformá-las em imagens, enxerga para fora e para dentro, podendo compreender tudo ao seu redor, ou absolutamente nada. “O olho, ilumina, compreende, expressa, protege crítica e fita” (Taschen, 2010, p. 352) Podendo então, representar o dualismo, a visão exterior e interior. Representando a totalidade da consciência, seja ela individual ou coletiva.

Para a confecção dos adereços, costurei pequenas almofadas em formato amendoado e separei diferentes missangas, colando as mesmas no tecido, uma por uma, com o auxílio de uma pinça. Após esse processo, construí alguns fios, sendo esses, compridas aglomerações de missangas, e coleí na base de dois broches, já secos. Estes por vez, tinham a intenção de se parecerem com algumas lágrimas. Minha intenção inicial era colar esses adereços em meu corpo e minha roupa, mas por terem ficado muito pesados, resolvi pregar no verso de cada um, um grampo, e fixa-los em meu cabelo na hora da fotografia. Ficando ainda mais harmoniosos com a maquiagem desenvolvida, essa que, foi pensada para enfatizar as pupilas dos olhos.

Para a maquiagem artística, resolvi usar predominantemente as cores rosa e roxo, transmitindo assim, uma sensação calorosa e suave. Para as fotos, me baseei muito na estética Rococó presente no filme Maria Antonieta, de 2006, dirigido por Sofia Coppola. Como podemos observar na imagem seguinte Maria Antonieta usou suas vestimentas como uma forma de impor e expandir seu poder e autoridade, usando de joias, roupas, sapatos, e penteados, como seus artifícios. Ao vestir-se ou vestir ao outro, é possível arquitetar a própria identidade e influenciar a realidade ao seu redor.

Figura 10 - Frames retirados do filme Maria Antonieta de 2006, por Sofia Coppola.



Fonte: Compilação da autora, Imagens retiradas do sítio eletrônico Pinterest. Disponível em:

<https://br.pinterest.com> Acesso em: 01. Ago. 2021

Em seguida, estão à mostra, as imagens do processo de produção dos objetos idealizados, Imbuídos das referências e conceitos já apresentados como as soluções em mateias alternativos. Utilizando a técnica *assemblage*, que são colagens e montagens com objetos tridimensionais compostos por diferentes tipos de materiais. O termo foi incorporado às artes, em 1953, pelo pintor francês Jean Dubuffet.

Figura 11 - Registro do processo de construção dos adereços Idealizados para o convidado “L”.



Fonte: Elaborado pela autora, acervo pessoal. 2010.

Figura 12 - Processo de construção dos adereços Idealizados para o convidado "L".



Fonte: Elaborado pela autora, acervo pessoal. 2021.

A Maquiagem, como podemos observar no *moodboard*, foi pensada para favorecer e aumentar a área das pupilas, extrapolando-as para a área das bochechas e têmporas. Obtive inspiração no trabalho do maquiador e *Drag Queen*, Johannes J. Jaruraak, conhecido como *Hungry*. Sua estética na maquiagem apresenta uma contorção e ênfase mais severa das características faciais, uso intrincado de cores e formas com elementos e próteses sintéticas, principalmente no nariz e boca. Em seguida, podemos ver algumas fotos de seu respectivo trabalho.

Figura 13 - Johannes J. Jaruraak



Fonte: Johannes J. Jaruraak - 2020. Disponível em <https://www.instagram.com/isshehungry/>. Acesso em: 31. Ago. 2021

A seguir, podemos observar algumas capturas dos rascunhos e croquis feitos enquanto desenvolvia a maquiagem. Foi nesta etapa do processo, em que decidi o nome de toda a obra final para a produção desenvolvida a partir dos relatos de “L”. A série fotográfica, decorrente de toda produção relatada acima, leva o título: “Eyelids”, do inglês, pálpebras.

Figura 14 - Processo de criação da maquiagem Idealizadas para o convidado “L”.



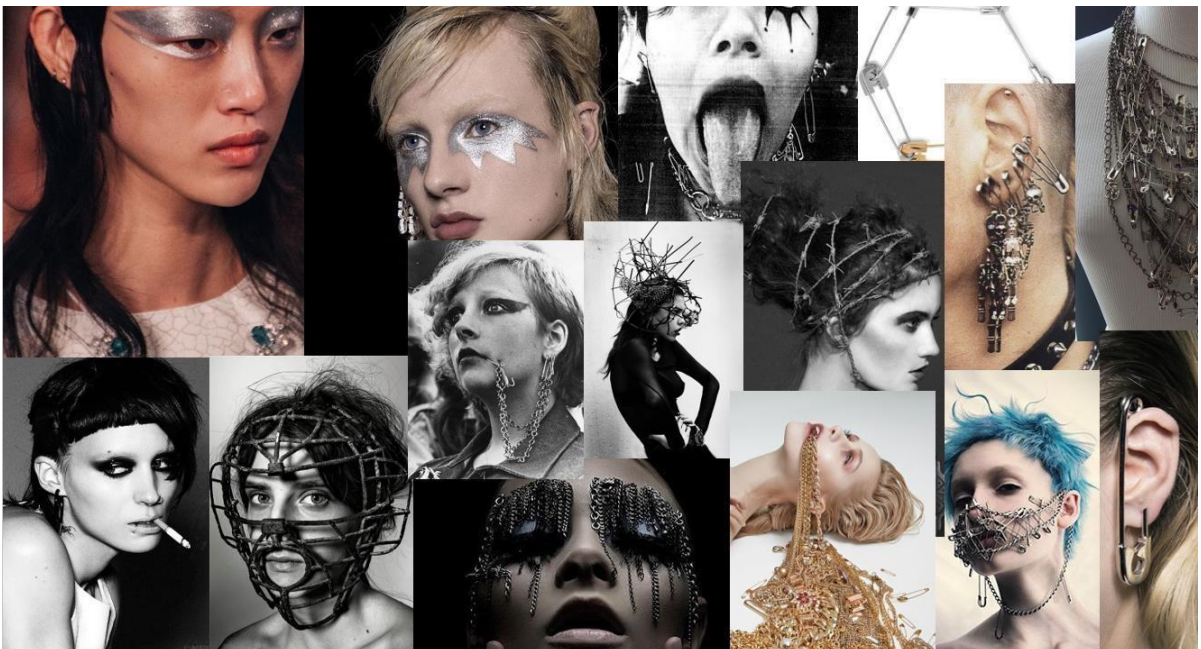
Fonte: Elaborado pela autora, acervo pessoal. 2021

Com todos os processos anteriores estabelecidos, inicia-se a parte final, o ato da maquiagem e fotografia. A maquiagem e a colocação dos adereços levaram cerca de 5 horas para serem finalizadas, e o tempo da fotografia em torno de 1 hora. Como já mencionado, o ensaio fotográfico foi realizado na sala da minha casa. Com o auxílio de uma “ring light” para iluminação, e utilização de tecido em vermelho, tule, para adicionar textura ao fundo do cenário. Após a produção das imagens, inicializei a pós-produção, a edição das fotos e manipulação digital. Optei por apresentar 5 fotografias na composição da série, trabalhando com sobreposição, transparência e algumas fotomontagens. No subcapítulo seguinte, apresentarei as fotos finais, juntamente com a outra série fotográfica, referente à segunda entrevista.

A seguinte produção foi idealizada a partir do relato do convidado e entrevistado, identificado como “A”. Em seu discurso, senti de início, que a obra final partiria de uma estética mais visceral. Portanto, como podemos observar no “moodboard” apresentado a seguir, estão presentes muitas referências do movimento

Punk. O qual, surgiu na década de 1970, predominantemente na Inglaterra e depois, nos Estados Unidos. O movimento foi marcado por um grande fenômeno social e sua ideologia que contestava o sistema capitalista vigente. Podendo ser assim, identificado como um movimento de contracultura. É importante ressaltar aqui, a sigla “DIY”, que significa *Do It Yourself*, do inglês, faça você mesmo, sendo esse um pensamento seguido e disseminado pelo movimento que se baseava na premissa, “se você não gosta do que existe, faça você mesmo” e a partir dessa filosofia, começou-se a criar, artes próprias, músicas próprias, roupas, acessórios e até o que seria mundialmente conhecido e feito até hoje, os “*fanzines*”, dando início a grandes marcas, grupos, coletivos e gravadoras independentes. O despreendimento das regras, a anarquia e a capacidade de projetar, criar, e manifestar as ideias, de forma independente das leis da sociedade vigente são fortes aspectos que me serviram de inspiração, durante o processo de criação dos adereços e maquiagens.

Figura 15 - *MoodBoard*. Maquiagem e adereços idealizados para o entrevistado “A”.



Fonte: Compilação da autora, Imagens retiradas do sítio eletrônico Pinterest. Disponível em: <https://br.pinterest.com> Acesso em: 01. Ago. 2021

Figura 16 - Paleta de cores escolhida para os adereços e maquiagem, idealizados para o convidado “A”.



Fonte: Elaborado pela autora. 2021

No discurso obtido a partir da entrevista, consegui analisar e captar a imagem de uma pessoa muito forte por fora, que não permite transparecer suas fraquezas, mas, que ao mesmo tempo, gostaria de um reconhecimento mais gentil sobre seu ser. “Chorona, mas forte por dentro” (“A” 2020): O drama romântico em questão envolve dualidade, é a parte tenebrosa, caótica, porém cheia de potencial ou poder denso, sendo negativa ou não. É uma imagem extremamente forte e independente, mas também gentil e preocupada com o bem-estar das outras pessoas que a rodeiam. As mudanças feitas em si não são realizadas para agradar ao outro, mas que refletem o crescimento pessoal e autoconhecimento.

Decorrente das reflexões acerca dos pensamentos anteriores, procurei trazer uma imagem imbuída de sentimento, extremamente independente e forte. Optei por usar objetos pontiagudos: Os alfinetes foram escolhidos para a criação dos adereços. Tais objetos são ao mesmo tempo uteis para ligar partes, firmar e juntar tecidos. Outrora podem machucar e espetar. São reluzentes e muitas vezes são usados como adereços na moda, mas sem a perda da funcionalidade.

As referências e inspirações que o convidado “A” me apresentou foram duas obras da artista mexicana Frida Khalo, “Sem esperança” de 1945 e “A coluna partida” de 1944, tais obras carregam grande imponência visual e abordam assuntos delicados. Essas características se fizeram presentes em minha inspiração para criar tanto os adereços quanto as maquiagens nessa etapa do projeto.

Foi explorada nesta fase de produção, estéticas e conceitos que julguei coerentes e que dialogassem com os pontos citados acima. Uma das frases da entrevista, marcante e importante para o processo foi: “Gostaria que as pessoas enxergassem que eu também não sou de ferro” (“A”, 2020) e, brincando com esses aspectos e analogias, fiz todos os adereços em metal transformando-os em objetos vestíveis. A ideia inicial foi realizar a construção de uma “cortina” de metal, a qual tem

o objetivo de recair sobre o rosto, para ser possível realizar o movimento de “abrir” e “fechar”. Assim, observar o lado de “dentro” é uma possibilidade, o qual seria composto por uma maquiagem, ao mesmo tempo bonita, brilhante, cheia de vida e fortemente impactante.

Estéticas e artistas que foram de forte inspiração para a etapa da construção do croqui, foram as fotografias do artista e fotógrafo de moda britânico, Nick Knight. O mesmo foi criador da capa do álbum *“Born This Way”* lançado em 2011, além de inúmeras séries fotográficas, com a artista Lady Gaga. O trabalho de Nick Knight é considerado visionário. O artista criou imagens deslumbrantes e icônicas para o mundo da moda nos últimos 40 anos de sua carreira e continua ativo em sua produção. Nick não produziu apenas editoriais para revistas, mas também dirigiu videoclipes, realizando também toda a parte da pós-produção. Desenvolvendo assim, obras áudio visuais para artistas como: Björk, Lady Gaga e Kanye West, além de coreografar, ao vivo, o último desfile de moda de Alexander McQueen em 2009.

Figura 17 - Capa e *Photoshoot* do álbum de estúdio *“Born This Way”*, por Lady Gaga.



Fonte: Nick Knight, fotografia e manipulação digital. 2011.

Como citado anteriormente, o movimento *Punk* foi de grande importância para criação de artes independentes, sendo um ato de auto invenção, presente nas confecções apresentadas a seguir.

Aprender sobre si mesmo e ser independente encaixa-se com os aspectos que foram absorvidos para produzir esta obra. Assim, é possível citar como grande influência, o estilo de moda *Kinderwhore*. Conhecido como um desdobramento da estética do *Grunge* e usado majoritariamente por mulheres, o estilo *Kinderwhore* surge na década de 1990 nos Estados Unidos. A palavra mistura dois termos extremos, “*Kinder*” refere-se ao termo criança e “*Whore*” significa, neste cenário, “vulgar” ou “prostituta”. Misturando conceitos de infantilidade e infâmia, sendo considerada uma estética extremamente disruptiva, causando estranhamento. Este estilo foi muito usado pela cantora Courtney Love, fundadora da banda “*Hole*”.

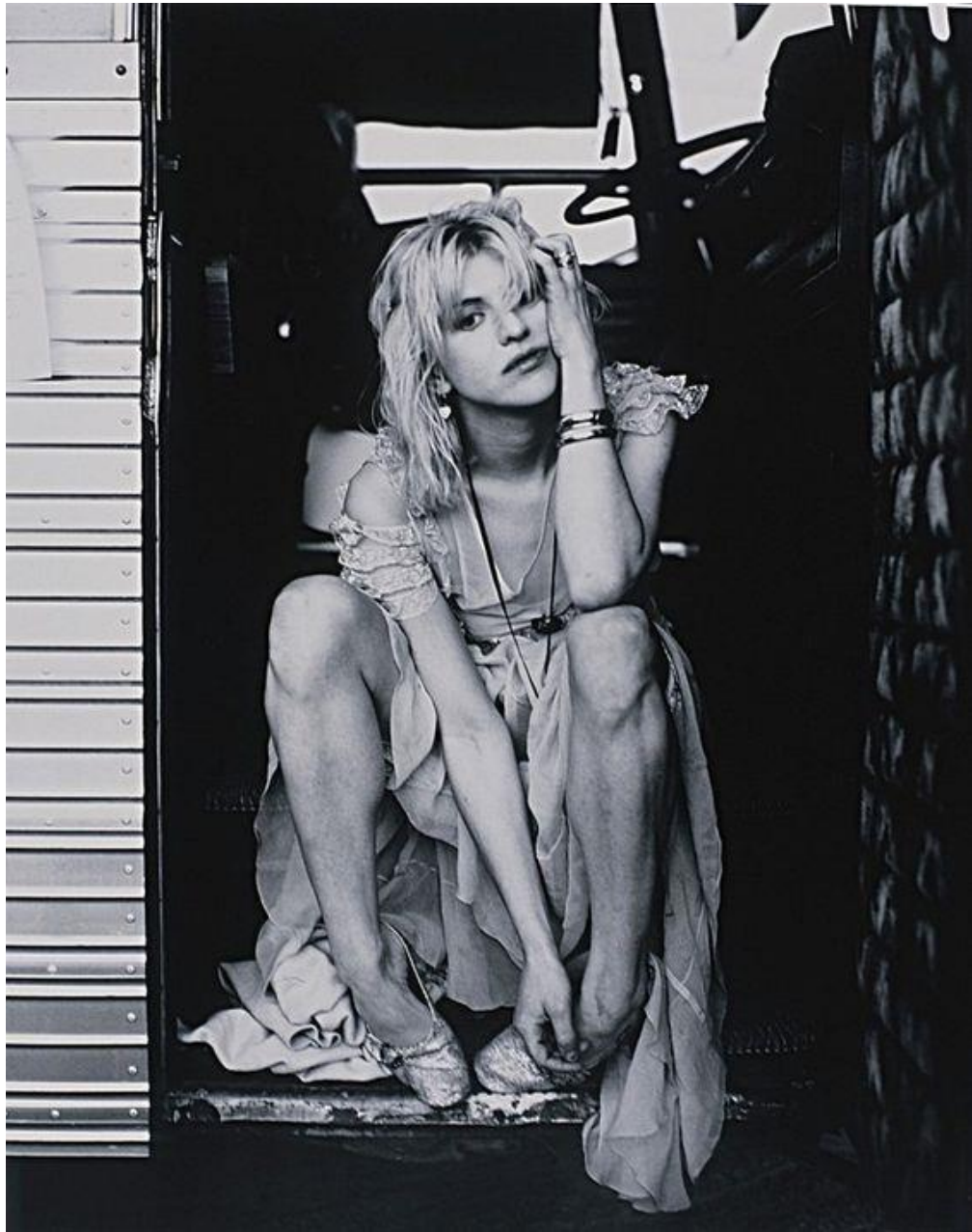
O estilo em questão, além de ser muito polêmico e controverso até hoje, carrega atitudes do movimento *Punk*, e do feminismo, abordando sempre experiências e vivências de mulheres da cena musical em questão. Podemos ver nas imagens a seguir, a influência desse estilo no mundo da moda e em sua origem.

Figura 18 - London Fashion Week, 2011, desfile realizado pelo estilista Meadham



Fonte: Saga Si, 2011. Disponível em: <https://www.vogue.com/fashion-shows/spring-2011-ready-to-wear/meadham-kirchhoff>. Acesso em: 01. Ago. 2021.

Figura 19 - Courtney Love em turnê



Fonte: Imagens retiradas do sítio eletrônico Pinterest. Disponível em: <https://br.pinterest.com>

Acesso em: 01. Ago. 2021

A seguir, estão presentes as imagens do processo de desenvolvimento dos adereços, os quais são compostos majoritariamente por alfinetes e correntes. Para as fotografias, construí brincos, colares, pulseiras e o adereço usado na cabeça, cobrindo o rosto. Todos feitos manualmente com peças que sobraram de algumas bijuterias pessoais, as quais desmontei e reutilizei para concretizar as peças. Além dos metais, utilizei duas faixas de couro sintético, uma para pregar e alojar as tarraxas do estilo “*Spike*” e outra para alojar o conglomerado de alfinetes, que compunham diferentes tamanhos. Nas imagens seguintes, estão presentes também os rascunhos e croquis decorrentes da confecção da maquiagem. Nesses, utilizei de características mais brutas e um visual mais pesado. Para as cores da maquiagem utilizei roxo, preto e pigmento verde brilhante, para detalhes.

Figura 20 - Confecção de adereços idealizados para o convidado “A”.



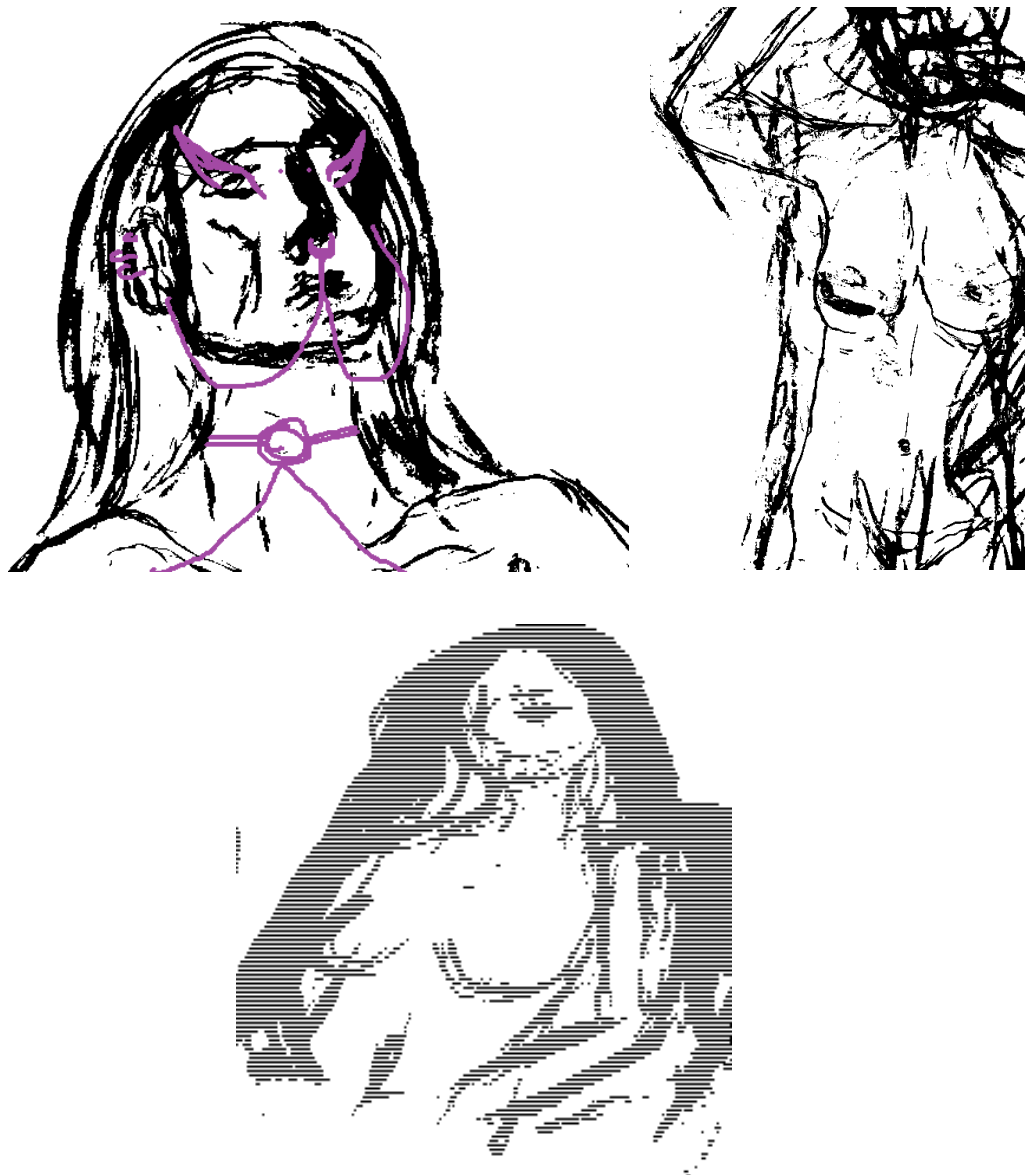
Fonte: Elaborado pela autora, acervo pessoal. 2021

Figura 21 - Confeção de adereços idealizados para o convidado "A".



Fonte: Elaborado pela autora, acervo pessoal. 2021

Figura 22 - Confeção de maquiagens idealizadas para o convidado “A”.



Fonte: Elaborado pela autora, desenho digital, acervo pessoal. 2021.

Após a conclusão de tais etapas, foi iniciada a preparação para as fotografias, que comparada com a sessão anterior, foi bem mais ágil. O processo levou em torno de 3 horas. Contando com a maquiagem e os registros, a qual posteriormente foi manipulada e tratada digitalmente usando majoritariamente o programa Adobe Photoshop. Com todas as fotografias finalizadas e em mãos, foi possível elaborar o título, que me veio em mente enquanto escutava músicas referente aos estilos *Grunge* e *Punk*. A série leva então, o nome em inglês: “*Metallic Taste*”, ou sabor metálico, traduzindo para a língua portuguesa.

2.3. Apresentação das fotografias e análise

Eyelids

Figura 23 - *Eyelids I*



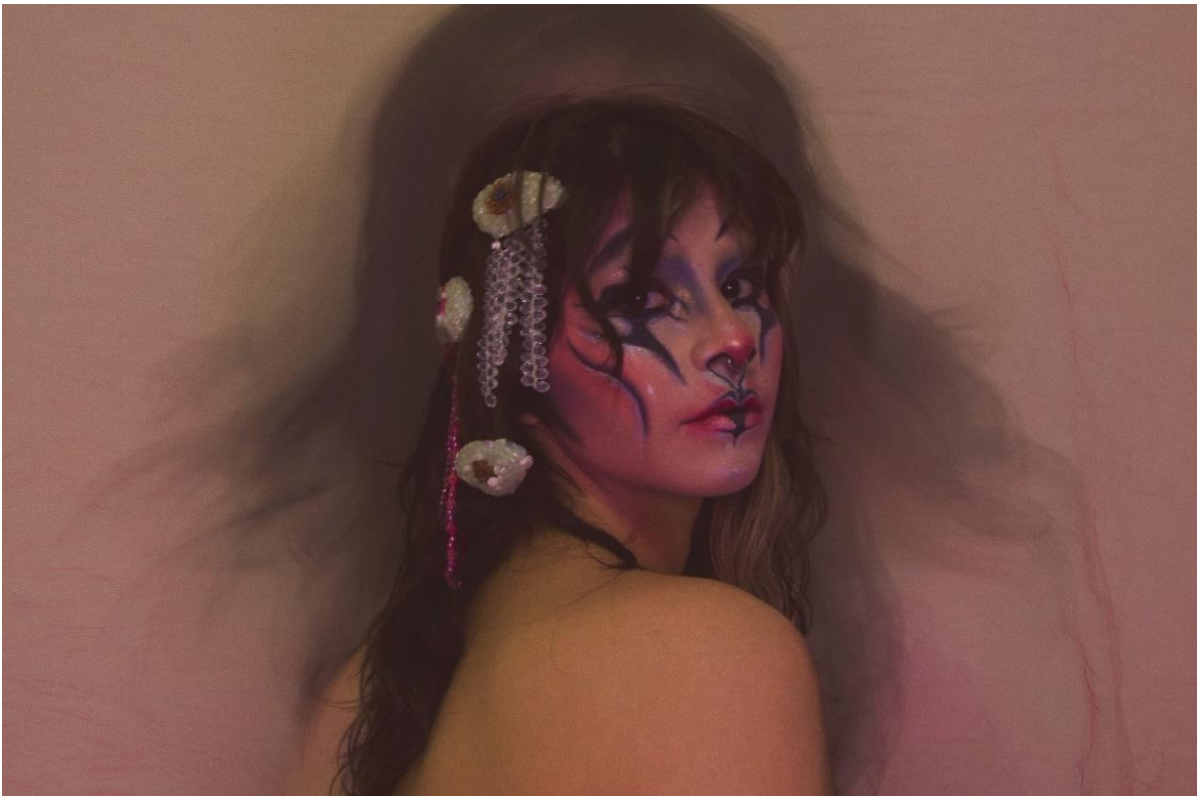
Fonte: Stéfanie Queiroz, 2021, Fotografia digital. Elaborado pela autora.

Figura 24 - *Eyelids II*



Fonte: Stéfanie Queiroz, 2021, fotografia digital. Elaborado pela autora.

Figura 25 - *Eyelids III*



Fonte: Stéfanie Queiroz, 2021, fotografia digital. Elaborado pela autora.

Figura 26 - *Eyelids IV*



Fonte: Stéfanie Queiroz, 2021, fotografia digital. Elaborado pela autora.

Figura 27 - *Eyelids V*



Fonte: Stéfanie Queiroz, 2021, fotografia digital. Elaborado pela autora.

O brilho de uma existência tem a capacidade de definir todo o autoconhecimento do ser, podendo ser apagado e tornar-se opaco.

Na presente obra foram abordados temas como a dualidade e a exploração do significado do olhar. Olhar esse, tão presente quando uma obra de arte é contemplada, ou por exemplo, quando o mundo ao redor é idealizado e percebido.

Para a composição, foi utilizado tons pastéis. A série é composta por 5 fotografias digitais. Em seu decorrer, a cada imagem da sequência é possível perceber que a fotografia obtém, cada vez mais, uma tonalidade de rosa mais escuro do que a anterior, elaborado propositalmente para percebermos quantas nuances o olhar pode captar e interpretar.

Esta série fotográfica tem como objetivo demonstrar que olhares podem ser afetuosos e gentis, criando uma nova percepção e ressignificando a dor e desconforto. É uma nova chance de aceitação e um recomeço saudável.

Em suma, consiste na aceitação do momento presente e reinterpretação de momentos já vividos.

Metallic Taste

Figura 28 - *Metallic Taste I*



Fonte: Stéfanie Queiroz, 2021, fotografia digital. Elaborado pela autora.

Figura 29 - *Metallic Taste II*



Fonte: Stéfanie Queiroz, 2021, fotografia digital. Elaborado pela autora.

Figura 30 - *Metallic Taste III*



Fonte: Stéfanie Queiroz, 2021, fotografia digital. Elaborado pela autora.

Figura 31 - *Metallic Taste IV*



Fonte: Stéfanie Queiroz, 2021, fotografia digital. Elaborado pela autora.

Figura 32 - *Metallic Taste V*



Fonte: Stéfanie Queiroz, 2021, fotografia digital. Elaborado pela autora.

Metallic Taste é composta por 5 imagens, assim como *Eyelids*. Nesta em questão, percebe-se a utilização de cores frias e acinzentadas para compor o fundo, e a utilização de fotomontagens para criar texturas, dando ênfase na maquiagem.

O metal não está presente apenas para representar sua coloração reluzente. Uma vez que ele é aquecido, torna-se maleável e dobrável, já frio, torna-se rígido e depende de muita força bruta para se alterar a forma. Deste modo, busquei vestígios que nos permitam compreender qual o universo simbólico que persiste nas relações de convívio, representando-as em objetos. É possível perceber como o universo afetivo influencia a forma como são construídas relações, e como estas influenciam o desenvolvimento de laços. Em suma, essa série fotográfica representa a permissão de transparecer fraquezas, chorar, e o mais importante, permitir-se errar, desbravando o arrependimento e aceitação da consciência do momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos objetivos estabelecidos, que foram a idealização das maquiagens e adereços baseados nas interpretações das entrevistas realizadas para esta pesquisa, além da produção do cenário, ambientação e iluminação para as sessões fotográficas; a realização da pós-produção e manipulação digital dos resultados finais com intuito de gerar uma obra que causasse indagações. Tais reflexões envolvem auto referencialidade, problemáticas pessoais, e questões presentes no convívio em sociedade que podem invadir a realidade de cada expectador. Portanto, o presente trabalho é um profundo mergulho na realidade do “outro”, que possibilita também reflexões empáticas sobre como lidamos com o mundo e pessoas ao nosso redor.

O projeto apresentou um processo com base em teorias filosóficas presentes durante toda a produção. O impacto e reflexão dos espectadores é possível, mediante às condições de documentação do projeto, podendo ocasionar alguma forma de reflexão e, assim, causar uma relação espectador-obra.

A pergunta, “O que você é que os outros não veem, mas gostaria que fosse visto?” É respondida por diversas perspectivas no decorrer da pesquisa, já que o principal desafio e proposta foi exercitar a escutar e colocar-se no lugar de outra pessoa. Tanto na investigação, construção e realização deste projeto, sua premissa é concretizada e a realidade do “outro” torna-se real.

É importante reconhecer que mesmo tendo apreciado o processo e produção dessas obras, encontrei algumas dificuldades referentes a realização de todas as etapas da produção, pois no começo realizaria a mesma no estúdio fotográfico da Unesp e certamente teria mais auxílio tanto para a realização das fotos quanto para conseguir material e desenvolver todo o trabalho. Digo também que este momento pandêmico interferiu na impossibilidade de maquiar outras pessoas, sendo um desafio tratar questões já sensíveis num momento tão complicado, sem ter o afeto físico, importante para as pessoas.

Vejo a importância de citar uma reflexão que ocorreu no final da produção, que é o valor de produzir seus próprios adereços, e até vestimentas, além de não ficarmos reféns de grandes marcas, (muitas vezes sem preocupações com o meio ambiente ou diretos trabalhistas) sendo um excelente exercício artístico, visto que pesquisei e li

muito sobre a história da joalheria, moda, e adereços, para realizar uma produção coerente.

Com essa produção sinto que aprendi muito, principalmente por ter ocorrido meio à uma pandemia. Apesar de ter já realizado outras produções totalmente sozinha, me tornei mais resiliente e inventiva. Gostaria de ter conseguido fazer exposições do meu trabalho, realizado um “*fanzine*”, ou até mesmo um catálogo. Creio que a conversa com espectadores será possível por meio do compartilhamento da minha trajetória pelas redes sociais e saberei a percepção de alguém de fora vendo a obra, e principalmente dos meus entrevistados convidados.

Com o fim deste trabalho, é possível concluir que a confecção de maquiagens e adereços pode ser um caminho viável e rico de produção artística, expressão e libertação, não um lugar para se aprisionar e cheio de regras. A tranquilidade e o êxtase pintando o corpo são obtidos pela transformação e criação de “personagens”, tão distintos da forma como se é visto diariamente. Este processo liberta do estado no qual as perturbações, ansiedades, responsabilidades, burocracias e senso comum do mundo exterior, causam aflições ao ser, e culminam na libertação do indivíduo, a partir da manifestação artística.

REFERÊNCIAS

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARDOSO, A. V.; REBOUÇAS, R. B. **Vestir a invenção: poéticas de guerrilha artística em ações coletivas**. dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 12, n. 26, p. 33-51, 2019. DOI: 10.26563/dobras. V12i26.912. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/912>. Acesso em: 31 ago. 2021.

DESIDERI, Márcio Ricardo. Desterritórios nas artes virtuais: o campo híbrido do maquiartista, em redes de criação compartilhadas. **Rebento**, v. 1, n. 14, 2021.

DESIDERI, Marcio. **Escamas: Experimentações com cinema autoral**. 2012. 91p. (Bacharelado em Artes Visuais). São Paulo: Instituto de Artes da Unesp, 2012.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 2 ed. São Paulo: Editora Papirus Matriz, 1993.

DOURADO, P.; MARTINELLI, P.; DIAS, W. M. **A crítica de processos na perspectiva da continuidade da criação no espectador**. Revista Farol, [S. l.], v. 15, n. 20, p. 33-40, 2019. DOI: 10.47456/rf. v1i20.23441. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/farol/article/view/23441>. Acesso em: 31 ago. 2021

ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2012

ELDRIDGE, Lisa. **Face Paint: The Story of Makeup**. 2015, New York, Ed. Abrams Image.

GOLDTHORPE, Jeff. Intoxicated culture: punk symbolism and punk protest. **Radical Society**, v. 22, n. 2, p. 35, 1992.

GOMBRICH, Ernst H. **História da Arte**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: LTC, 2000.

HALLAWEEL, Philip. **À Mão Livre – A linguagem Visual**. São Paulo: Senac. 2017

KATZ, Helena; GREINER, Christine. Corpo e processos de comunicação. **Revista Fronteiras - Estudos midiáticos**. UNISINOS, Vol. III, n. 2, 2 dez. 2001. Disponível em: <https://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz71314110790.pdf>. Acesso em: 26. Ago. 2021

KATZ, Helena; GREINER, Christine, **Arte e Cognição, Corpomídia, comunicação e política**. São Paulo: Ed. Annablume, 2015.

KATZ, Helena; GREINER, Christine. Por uma teoria do corpo mídia. In: GREINER, Christine (Org.). **O corpo: pistas para estudos interdisciplinares**. São Paulo: Annablume, 2005.

MARSH, Madeleine. **Compacts and Cosmetics: Beauty from Victorian Times to the Present day.** 2009. New York, Ed. Pen & Sword History.

MORIN, Edgar. **O método 4: as ideias.** Habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 2011.

OLIVEIRA, Mariana. **C'est la vie – maquiagem de efeitos especiais: da produção à execução.** 2017. 71p. (Trabalho de conclusão de curso) Instituto de Artes da Unesp, Bauru, 2017.

PIOLA, Elise. **Traduire, réécrire, recréer? Histoire du maquillage. Des Égyptiens à nos jours.** 370p (Curso di Laurea Magistrale in Lingue Moderne per la Comunicazione e la Cooperazione Internazionale). Universita Degli Stud di Padova, 2017.

PERSICHETTI, Simonetta. **Política, Mídia e Espetáculo.** Editora Cásper Líbero, São Paulo, 2008.

REIS, Dércio Cardoso. MARTINS, José de Souza. Sociologia da Fotografia e da Imagem. São Paulo: Contexto. Ponta de Lança: **Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, v. 3, n. 4, p. 101-103, 2009.

RONNBERG, Ami. **O Livro dos Símbolos: Reflexões sobre imagens arquetípicas.** São Paulo: Taschen, 2010.

TAYLOR, Al; Roy, Sue. **Making a Monster.** New York: Crown, 1980.

TINELLI, Simone. **Maquiador: manual prático de maquiagem.** 1. Ed. Santa Cruz do Rio Pardo, SP. Editora Viena, 2016.

VITA, Ana Carlota R. **História da Maquiagem, da Cosmética e do Penteados.** 2008. São Paulo. Ed. Anhembi Morumbi,

ZUANETTI, Rose. **Salão de beleza: maquiagem.** Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2000.